

A Explicação de Estudantes do Ensino Médio de uma Rede Particular para a Exclusão e a Construção de Identidades*

José Licínio Backes¹

RESUMO

Os processos de inclusão e exclusão estão profundamente articulados. Tanto um como outro se sustentam pelos sentidos produzidos culturalmente e que circulam em diferentes espaços, com destaque para o espaço escolar. Neste trabalho, resultado da tese de doutorado, analisamos as explicações que sujeitos que pertencem ao grupo dos socialmente incluídos (estudantes de uma escola particular!) dão tanto para si, enquanto sujeitos incluídos, como para os outros, os pobres, sujeitos excluídos. Para obter as informações recorreu-se a entrevistas semi-estruturadas, questionários, debates, redações e observações. Os sujeitos incluídos são levados a produzir explicações atribuindo suas vitórias e seus fracassos ao seu esforço, luta e empenho individual. Isto faz com que vejam os excluídos como sujeitos que não se esforçaram, como preguiçosos ou que não possuem vontade de melhorar de vida. Observamos ainda que, para os incluídos, a criação de laços coletivos seria uma espécie de adesão à “filosofia dos fracos”, apostando todas as forças no individualismo.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura. Identidade. Inclusão. Exclusão.

ABSTRACT

The processes of inclusion and exclusion are profoundly articulated. One as well as the other is sustained by feelings culturally produced and which circulate in different spaces, with special attention to the school circle. In this study, the result of a doctoral thesis, an analysis is offered of the explanations that subjects belonging to the social group of those included (pupils

from private schools!) give, both to themselves as included subjects as well as to the others, the poor, excluded subjects. To gather the information, semi-structured interviews, questionnaires, debates, compositions and observations were used. The included subjects are induced to produce explanations attributing their victories and their failures to their own efforts, struggles and individual perseverance. This makes them see the excluded as subjects who make no effort, as lazy, or who do not have the will the get on in life. It was observed that for the included, the formation of collective links would be a type of adhesion to the “philosophy of the weak”, pointing out the strengths in individualism.

KEYWORDS

Culture. Identity. Inclusion. Exclusion.

O presente texto baseia-se na pesquisa de doutorado, concluída em março de 2005 na UNISINOS – São Leopoldo. Teve como campo de pesquisa uma Escola Particular da Grande Porto Alegre, mais especificamente, os estudantes de Ensino Médio. A escola foi criada em 1936, com o objetivo principal de preparar seus alunos para que pudessem freqüentar as melhores universidades públicas do país. Coerente com a proposta inicial, a escola hoje faz o seu marketing divulgando os resultados de vestibulares onde muitos de seus alunos alcançam os primeiros lugares. A escola vive em função do vestibular. Seus professores lembram cotidianamente que os alunos devem estudar para passarem no vestibular, os alunos vigiam-se e controlam-se mutuamente lembrando do vestibular. O

* Versão revisada do trabalho apresentado oralmente no XIII ENDIPE, Recife, 2006.

¹ Doutor em Educação. Professor do Mestrado em Educação - UCDB.

sistema de avaliação inclui um sistema quinzenal de avaliação, estilo vestibular (20 questões objetivas de múltipla escolha) para os primeiros e segundos anos do Ensino Médio e um sistema semanal deste tipo de avaliação para os terceiros anos.

Considerando este contexto, bem como o contexto cultural e social nos quais os sujeitos vivem, as perguntas feitas foram: como esses contextos interferem na explicação que estes dão para a exclusão²? Como isso afeta a produção de identidades?

Para responder a essas perguntas, o campo teórico escolhido foi o dos Estudos Culturais Pós-Estruturalistas (PETERS, 2000). Segundo este campo, toda e qualquer identidade é o resultado de um processo de produção cultural, onde as relações de poder são centrais. Não existem identidades naturais, essenciais ou biologicamente determinadas. As identidades são o resultado sempre provisório das linguagens que circulam nos contextos, produzindo efeitos tanto na própria identidade como na forma de nomear os outros, especificamente neste trabalho, na forma de nomear os excluídos, mais especificamente os pobres. Para obter as informações, utilizei entrevistas semi-estruturadas, questionários, debates, observações em sala de aula, nas horas de intervalo, entrada e saída da escola e redações feitas pelos estudantes. Todas estas estratégias desenvolvidas com os estudantes do Ensino Médio e vistas, como sustenta o campo teórico seguido, como atravessadas pelos interesses do pesquisador, portanto sob hipótese alguma neutras (SILVEIRA, 2002). Esclareço que os nomes dos alunos citados são fictícios e não citarei o nome da escola, tendo em vista a preservação do anonimato.

Início descrevendo uma situação observada na pesquisa de campo, que considero relevante no que tange às explicações produzidas num contexto em que o objetivo maior é a preparação para o vestibular e onde seus sujeitos, por via de regra, estão posicionados no grupo dos incluídos.

Durante minhas observações em sala de aula, desde os primeiros dias, chamava-me a atenção o fato de alguns alunos e alunas permanecerem isolados da turma, ocupando os últimos lugares na sala, a alguns metros dos demais. Eles e elas, mesmo nas atividades em grupo, quando não havia a expressa determinação de que estas deveriam ser feitas em conjunto, desenvolviam-nas sozinhos. Aquilo, de certa forma, perturbava-me. O que estaria em jogo? Essa perturbação foi aumentando à medida que as observações continuaram e fui percebendo que esses

alunos e alunas eram os que iam melhor nas avaliações. Por que agiam dessa maneira? Entendi que conversar mais proximamente com alguns desses alunos poderia ser um caminho promissor para compreender os significados desta atitude. Entrevistando dois deles, colocaram-me o seguinte: Elisângela (3º ano) falou-me da necessidade de trabalhar individualmente porque, como ela já estava no 3º ano e iria fazer vestibular no fim do ano, não seria conveniente estudar com os outros porque muitos de seus colegas poderiam fazer o mesmo vestibular e, assim, ela poderia, na sua própria expressão, “fortalecer o inimigo”. O outro, aluno do 2º ano, Ângelo, também trabalha individualmente e coloca-me que, por ele ser “crânio” e “CDF” (expressões utilizadas por ele mesmo), não há por que trabalhar com os outros, pois estaria perdendo tempo, já que, no grupo, geralmente tem algumas “criancinhas” que se distraem e discutem muitas coisas fora do assunto. Mas a questão continuava a intrigar-me ainda que as conversas tivessem sido esclarecedoras. Como compreender isso? Que explicações para a exclusão dos pobres circulam neste contexto? Que identidades estão em jogo?

Bauman (2001) ajudou-me a compreender essa situação. O autor, a partir do entendimento de que estamos nos situando na modernidade líquida³, observa que uma de suas manifestações está em nos tornarmos cada vez mais indivíduos, portanto menos coletivos, isto é, a dimensão da comunidade deixa de ser referência identitária e o indivíduo é totalmente responsável pelo que é. Cada vez mais se aposta que os problemas são individuais e só podem ser resolvidos individualmente. A competição e o desprezo pelos mais fracos (excluídos) ganham cada vez mais legitimidade. Ao invés de colocar-se à disposição para ajudar os que estão ao seu redor ou ensinar os colegas, os sujeitos são levados a acreditar que o melhor a fazer é ficar na “sua”, assim como os outros devem ficar na “deles”. O outro é visto como inimigo, uma ameaça constante à capacidade de manter-se no lugar ou de conquistar um lugar. A qualquer momento, pode aparecer alguém mais capaz para desempenhar o que um sujeito está fazendo. Isso faz com que, em vez de buscarem laços de solidariedade, os sujeitos busquem cada vez mais o isolamento e o fechamento sobre si mesmos. Segundo Bauman: “A sina de indivíduos que lutam em solidão pode ser dolorosa e pouco atraente, mas firmes compromissos a atuar em conjunto parecem prometer mais perdas do que ganhos” (BAUMAN, 2003, p. 48). Estudar individualmente, segundo a aluna Elisângela, torna-a mais forte para concorrer com os outros no vestibular.

² A exclusão é um fenômeno complexo e ocorre por diferentes razões (classe, gênero, raça, etnia, crença...). Descrever estas diferentes formas e como elas são produzidas foge ao propósito deste artigo. Ficaremos mais detidos na explicação sobre a pobreza, pois foi esta forma que os estudantes mais enfatizaram durante a pesquisa de campo efetuada.

³ O autor, mesmo que esteja se referindo à sociedade líquida em que as possibilidades de movimento são muito maiores, em nenhum momento deixa de reconhecer que existem dois grupos. Utiliza expressões como “os de cima” e “os de baixo”, “vagabundos” e “turistas”, viajar em “iates” e em “chalupas esfarrapadas”. Apesar de estes grupos serem líquidos, a possibilidade de um “turista” virar “vagabundo”, de um de cima migrar para o grupo de baixo é muito maior do que o movimento inverso.

Paradoxalmente, é nesse contexto de individualismo, medo e insegurança generalizada que a identidade é reivindicada como uma possibilidade de exorcizar os medos e as ansiedades causadas pela falta de laços comunitários. Conforme Bauman: “A identidade brota entre os túmulos das comunidades, mas floresce graças à promessa da ressurreição dos mortos” (BAUMAN, 2003, p. 20). Também é neste contexto que os outros (no caso os pobres) são responsabilizados pela sua pobreza. Ainda segundo o autor, é pouco provável que o sujeito consiga dar conta do seu objetivo, mas fica a grata sensação de que alguma coisa foi feita para tentar restabelecer os laços perdidos. Sempre é oportuno destacar que a identidade, ao mesmo tempo em que desencadeia laços de união, também faz proliferar a segregação: “‘identidade’ significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar” (BAUMAN, 2003, p. 21). Que identidades são essas?

O que faz com que hoje a procura de identidade, de pertencimento, seja uma busca permanente, a agonia de Tântalo, segundo Bauman (2003), - Na mitologia grega, Tântalo foi castigado porque desobedeceu aos deuses. Seu castigo foi implacável. Tântalo foi mergulhado na água até o pescoço e, quando abaixava a cabeça para saciar sua sede, a água desaparecia. O mesmo acontecia com a comida: quando esticava a mão para alcançá-la, ela sumia - é o tipo de sociedade em que a informação “passa a viajar independente de seus portadores e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte” (BAUMAN, 2003, p. 19). Esse fenômeno de informação, que Harvey (1992), Hall (1997; 2003) e outros também descrevem, faz com que a fronteira entre os que estão dentro e os que são de fora seja difícil de estabelecer e, mais ainda, de manter, daí a incessante busca de identificação. Na tentativa de mantê-la, a vigilância deve ser total e permanente. Segundo Bauman:

Exigirá vigilância vinte e quatro horas por dia e a afiação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não, para manter os estranhos fora dos muros e para caçar os vira-casacas em seu próprio meio. E, num toque final de ironia, é só por essa belicosidade, gritaria e brandir de espadas que o sentimento de estar em uma comunidade, de ser uma comunidade pode ser mantido e impedido de desaparecer. (2003, p. 22).

Nesse sentido, é possível compreender que, assim como todas as verdades, as identidades são uma invenção. As identidades são uma ficção. Isso não tira sua importância. Reconhecer que elas são uma ficção não significa diminuir seus efeitos, implica aceitar sua provisoriabilidade, sua ambivalência, seu processo permanente de negociação, como nos sugere Bhabha (2001).

Segundo Bauman (2003), a compreensão da emergência do reconhecimento das identidades está ligada à sociedade e à cultura produzidas pelo capitalismo. Não se trata de olhar para o capitalismo simplesmente como um sistema perverso que produz identidades alienadas, mas de olhar para os mecanismos desencadeados por ele para o seu funcionamento. Não é possível desconsiderar que a sociedade e a cultura capitalistas produzem determinados sujeitos e determinadas identidades. Hall (2003) sugere que o capitalismo é melhor compreendido a partir das múltiplas identidades, reconhecendo a sua importância para a construção dessas identidades. Nesse sentido, penso que não se trata de pensar em termos binários (ou/ou), se é o capitalismo que produz as identidades ou se são as identidades que produzem o capitalismo, mas de pensá-los de forma articulada, isto é, de modo a poder perceber possíveis (não-necessárias) conexões entre eles.

De modo semelhante a Bauman (2001; 2003) e Hall (1997; 2003), Rose (1998) também observa que os sujeitos estão passando por processos de (re-)significação de suas crenças, desejos e aspirações, mudando as relações sociais onde quer que elas estejam ocorrendo. A subjetividade está sendo reconstruída, mudando “[...] nossas formas de pensar e falar sobre nossos sentimentos pessoais, nossas esperanças secretas, nossas ambições e decepções” (ROSE, 1998, p. 33). Cada vez mais o sujeito é levado a acreditar que é um indivíduo responsável tanto pelo seu êxito quanto pelo seu fracasso. Como coloca Bauman (2003), a comunidade está sendo solapada pela idéia de que defender interesses coletivos, interesses de outros significa aderir à “filosofia dos fracacos”. Novamente, cabe reiterar que não se trata de dizer que esse sujeito tem uma subjetividade não-autêntica ou que deveríamos seguir uma “teoria da verdade” que pudesse explicá-lo definitivamente. É o caso de, com Rose (1998), preocupar-se com

[...] as novas formas de dizer coisas plausíveis sobre outros seres humanos e sobre nós mesmos, o novo licenciamento daqueles que podem falar a verdade e daqueles que estão sujeitos a ela, as novas formas de pensar o que pode ser feito a eles e a nós (p. 34).

Para Rose (1998), a subjetividade tornou-se central no exercício do poder. Não no sentido de um estrangimento e repressão externa, mas na própria estimulação da subjetividade, “[...] promovendo a auto-inspeção e a autoconsciência, moldando desejos, buscando maximizar as capacidades intelectuais” (p. 34). Neste sentido, trago as falas dos estudantes. Como dizia Aparecida (2º ano) no debate: “Depende muito da pessoa, do interesse de cada um. Tu tens que olhar dentro de ti e buscar o que queres. Se tu quiseres, se tu lutares, tu vais conseguir”. Ou ainda Tereza (1º ano) na

redação: “O essencial é sabermos que a ferramenta somos nós”. Da mesma forma, Zuleica (1º ano) na redação: “É essencial o esforço individual, mas uma pessoa culta já deve saber disso”. Registro, ainda, que os alunos, ao escreverem a redação “O vestibular e a questão de quotas”, em nenhum momento questionam a seleção; pelo contrário, entendem que seja necessária para que os melhores sejam escolhidos: “Estes por sua vez devem passar pelo mesmo processo de seleção” (Loiva, 3º ano). Tatiano, que deu o título para sua redação “O que vale mais: esforço ou raça?”, escreve: “O vestibular é a forma mais justa de seleção de candidatos”.

Para Silva (1998), o processo de responsabilização do indivíduo só tornou-se possível graças aos conhecimentos produzidos pelas ciências humanas, entre as quais podemos citar a Psicologia e a Pedagogia. “O ser contemporâneo é, sem dúvida, um objeto sitiado por tecnologias do eu que vão da religião até as formas mais ‘científicas’ de regulação da conduta” (SILVA, 1998, p. 12). Nesse sentido: “A educação é, obviamente, um campo privilegiado de atuação dos especialistas nessas variadas formas de descrição, análise e gerenciamento do corpo e da alma” (SILVA, 1998, p. 12).

Assim, precisar do outro (ou dar claras mostras disso) sinaliza uma espécie de adesão à “filosofia dos fracos” ou, como coloca a aluna Elisângela, significa “fortalecer o inimigo”. A idéia de que a pessoa só merece aquilo que consegue através do seu esforço e nada mais do que isso (mérito individual), amplamente difundida e geralmente aceita, faz com que não haja espaço, muito menos obrigação, para compartilhar, sejam os bens, sejam os temores, as lutas, o conhecimento ou mesmo os conteúdos de vestibular.

O triunfo da meritocracia faz com que aumente cada vez mais o número de desamparados, miseráveis e excluídos, pois, como cada um possui de acordo com o que merece, observa-se que idéias e práticas como uma sociedade de previdência perderam sua legitimidade (BAUMAN, 2003). A própria idéia de seguro público contra a desgraça individual, nesta perspectiva meritocrática, é vista como algo injusto, pois não é correto que os que se esforçam sejam obrigados a proteger os preguiçosos, indolentes e fracos. Como dizia Tatiano, aluno do 3º ano, no debate: “O governo fica dando bolsas, bolsa-escola, bolsa disso, bolsa daquilo, daí o pobre não quer mais trabalhar, quer tudo de graça”. No mesmo debate, Marília afirma: “Ainda ontem veio um lá em casa pedindo dinheiro, daí minha mãe ofereceu trabalho, cortar a grama, ele não quis”.

Com essa visão meritocrática, segundo Bauman (2003), o privilégio adquiriu dignidade e a pobreza é de responsabilidade do pobre. Para esta perspectiva, não há outro elemento legítimo que não o mérito individual e, desta forma, para os ‘bem-sucedidos’, não há o que fazer senão “curtir” a vida, sem preocupação com os que “fracassaram”.

Ainda segundo Bauman (2001), a ênfase no mérito faz com que a procura dos meios não exija reflexão, porque há o entendimento de que só existe um

meio para alcançar os fins, independente de quais fins sejam escolhidos. O meio para alcançar os fins escolhidos é única e exclusivamente contar com a própria capacidade, esforço, dedicação: “Cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir – isto é, com a máxima satisfação concebível” (BAUMAN, 2001, p. 74). Nesse sentido, para Bauman (2001), na modernidade líquida, não existe mais o *Grande Irmão*, que controla e vigia permanentemente os sujeitos, mas também não existe mais o bondoso e confiável *Irmão Mais Velho*, em quem se podia buscar o apoio para tomar as decisões da vida. Estamos irremediavelmente abandonados à própria sorte, não há quem nos possa proteger dos “valentões” que atravessam nosso caminho.

Deste modo, cada um vive a sua vida ou a concebe como sendo o resultado do esforço individual, da sua dedicação, do seu mérito, pois “[...] o que está errado em suas vidas provém de seus próprios erros, foi sua própria culpa e deve ser consertado com suas próprias ferramentas e por seus próprios esforços” (BAUMAN, 2001, p. 84). Ser um estudante capaz de obter aprovação numa Universidade Federal só depende de cada um: “Eu sei que, se eu me esforçar, se eu me dedicar, se eu lutar bastante, eu vou conseguir, sabe, ninguém vai fazer isso por mim, eu [em voz mais alta] tenho que me esforçar para chegar onde eu quero” (Jane, 2º ano, na entrevista). Nesse caso, o exemplo de “alguém que chegou onde queria” serve como argumento irrefutável:

O rico não é rico simplesmente porque ele está rico. Ele batalhou para trabalhar, sabe. Eu vejo pelo meu avô. Meu avô começou como caixa, ele trabalhou numa fábrica de caixas, ele montava caixas. Agora ele tem uma fábrica, ele trabalhou para conseguir aquilo. Ele começou. Meus pais, quando eles nasceram, eles tinham um tênis de cada cor, eles não tinham praticamente tênis para calçar. Então, eu acho que as pessoas, quando elas querem uma coisa, acho que elas batalham para conseguir. Então, se os pobres batalhassem para conseguir o que eles realmente quisessem, acho que eles deixariam de ser pobres (Jane).

Como se pode observar, nesta visão, tanto o sucesso quanto o fracasso dependem, sobretudo, do querer, da vontade individual. Não entram em questão a sociedade, o coletivo, a responsabilidade pública. O indivíduo é o que é porque “cada um faz a sua vida” (idem). Depende de cada um: “Se os pobres se esforçassem, se eles batalhassem para conseguir um emprego, eu acho que seria diferente, porque depende de cada um” (da mesma aluna).

Cabe ressaltar que não está em questão o julgamento dessa compreensão no sentido de dizer se é

uma forma “autêntica” ou não acreditar que “cada um é o que consegue ser”. Trata-se de compreender quais são os efeitos produzidos quando se vê dessa forma, pois, segundo o campo teórico deste trabalho, não há uma identidade “ideal”, muito menos “essencial” a ser buscada ou, como diz Bhabha (2001), não se trata de imaginar que as identidades devam ser redimidas ou salvas, trata-se de compreendê-las em seus processos de articulação e negociação. As identidades são produzidas socialmente (lembro que o individualismo e a meritocracia também são uma produção social e cultural) pelas representações articuladas com relações de poder através das quais algumas são vistas como “bem-sucedidas” e outras como “fracassadas”. O que as torna pertencentes a um ou outro grupo é visto como sendo o resultado apenas da vontade pessoal. Porém, como afirma Bauman, acreditamos que “[...] nossa felicidade depende apenas da nossa competência pessoal, mas que somos [...] pessoalmente incompetentes ou não tão competentes como deveríamos e poderíamos ser se nos esforçássemos mais” (BAUMAN, 2001, p. 87).

É essa sensação de incompetência, esse reconhecimento de que “não somos tão bons quanto deveríamos ser” que fazem com que os sujeitos busquem sempre mais as competências consideradas necessárias para alcançar os “exemplos” bem-sucedidos. “Hoje, tu teres um diploma é quase nada. Tu precisas fazer inglês. Tu tens que estudar sempre. Tu tens que fazer informática, outras línguas” (Margarida, 2º ano, no debate). Só que essa lista não tem fim, porém, para estes estudantes, não buscar tais competências significará, como relata a aluna, não ter se esforçado, não ter batalhado, não ter tido vontade de “melhorar de vida”. Baseado em Bauman (2001), pode-se dizer que os sujeitos estão numa corrida onde a linha de chegada se move mais rapidamente do que o mais veloz dos corredores, porém, para a maioria deles, faltam pulmões e músculos para correrem rapidamente. Os elogios não são somente para os que estão na frente, mas para todos os que não desistem de correr, apesar da sua fragilidade. “Então é a continuação da corrida, a satisfatória consciência de permanecer na corrida que se torna o verdadeiro vício – e não algum prêmio à espera dos poucos que cruzam a linha de chegada” (BAUMAN, 2001, p. 86).

A questão é “estar pronto” para que se possa aproveitar as oportunidades que surgem. Acima de tudo, “estar pronto” ou ser apto significa estar melhor preparado do que os outros. “Eu, que estudo numa escola particular, faço cursinho de inglês, estou me preparando bem e sei que vou ter lugar nesta sociedade... Agora, quem não fizer isso, vai ficar para trás” (Claudir, 1º ano, no debate). Ou, como no debate realizado no 3º ano do Ensino Médio:

Talvez para nós não seja complicado, só o fato de a gente ter estudado num colégio bom, assim como o [...], tem a formação

boa. A maioria dos alunos sai daqui sabendo bem mais que as outras pessoas que estudam em outros colégios. A gente consegue facilmente um lugar para trabalhar. Mas as outras pessoas... fica difícil conseguir um emprego (Roger).

É importante destacar que, embora o aluno na fala use o “nós”, esse “nós” não tem o sentido de coletivo, ou seja, não é um grupo que tem interesses e problemas que poderão ser resolvidos coletivamente, mas é um conjunto de “eus” que, como aponta Bauman (2001), têm em comum apenas o fato de terem os mesmos problemas e de acreditarem que a solução está na sua capacidade e talento individual, como é possível identificar na fala do Felício, também no debate realizado na mesma turma: “[...] tem o seguinte: cada um faz a sua formação. Se tu queres ser o melhor, tu podes ser o melhor, depende da tua cabeça. Acho que isso conta muito na hora que tu vais te formar, depende de ti desenvolver as aptidões”. Nesse caso, cabe registrar que o aluno, anteriormente citado, que falou em “nós”, disse, balançando afirmativamente a cabeça: “Claro, depende de cada um ser o melhor”. Da mesma forma, outras vozes manifestavam-se, murmurando: “Claro[...]”, “Isso é verdade [...]”, “Sim, se você quer, consegue chegar[...]”.

“Tu podes ser o melhor”, depende das aptidões desenvolvidas (depende de ti desenvolver as aptidões!), e não da saúde do corpo, como na sociedade sólida. Como escreve Bauman (2001), embora a aptidão e a saúde estejam relacionadas ao cuidado do corpo, têm significados muito diversos. A saúde está relacionada a uma sociedade normativa sólida. Ter saúde significa ter condições de trabalhar e, nesse sentido, a distinção entre ter saúde e não ter saúde é facilmente identificável, pois ter saúde geralmente significa suportar o fardo “com que o trabalho pode rotineiramente onerar a resistência física e psíquica do empregado” (BAUMAN, 2001, p. 91). Já o significado de *ser apto* ou *ter aptidão* não pode ser fixado ou circunscrito de forma a estabelecer uma distinção facilmente reconhecível. Para Bauman, “[...] ‘estar apto’ significa ter um corpo flexível, absorvente e ajustável, pronto para viver sensações ainda não testadas e impossíveis de descrever de antemão” (BAUMAN, 2001, p. 91).

A busca da aptidão é uma busca sem ponto de chegada. O sujeito nunca saberá se está apto ou não, e cada aptidão alcançada significa apenas um efêmero instante de satisfação, um intervalo para buscar novas aptidões. “Uma coisa que os que buscam a ‘aptidão’ sabem com certeza é que não estão suficientemente aptos e que devem continuar tentando” (BAUMAN, 2001, p. 92). Como nos diz Sirlene, no debate realizado no 3º ano: “Hoje em dia, ter um diploma ou nada é a mesma coisa. Tu tens um diploma, mas, junto contigo, se forma um monte. Então, tu não podes parar nunca. Tu tens que te especializar cada vez mais”. Não parar nunca é a condição dos sujeitos atualmente, pois não há mais um

ponto de chegada que garanta segurança e estabilidade. Como afirma Bauman (2001), na modernidade líquida, o importante é estar na corrida, mesmo sabendo que nunca se chegará ao ponto de chegada.

Ao concluir o texto, destaco que os estudantes se vêem como sendo totalmente responsáveis pelo que são ou vão ser, o que faz entender que sempre devem buscar mais aptidões e que não podem parar sua luta "individual" pelo espaço na sociedade. Isso tem a ver com a cultura da sociedade líquida, bem como com a prática pedagógica centrada na aprovação do vestibular, intensificando a meritocracia, a competição produzindo uma insensibilidade para com os excluídos por razões de pobreza. Os excluídos pobres, são vistos pelos incluídos, como foi visto pela pesquisa, como aqueles que não se esforçam, não lutam, não buscam melhorar de vida, portanto são os responsáveis pela sua condição de ser pobre.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45.
- SILVA, Tomaz Tadeu. As pedagogias psi e o governo do eu. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 07-13.
- SILVEIRA, Rosa M. Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 119-142.